

A SÉRIE *OS TUDORS* E A AFIRMAÇÃO DO ESTADO MONÁRQUICO

Cláudia Bordallo Bertoni¹
Romeu Machado Karnikowski²
Mara Cristina Inácio³

RESUMO: A série *Os Tudors*, um drama histórico televisivo, mostra de forma a afirmação das monarquias modernas, por meio da dinastia que dá o nome a série, e que mais tarde desembocará no nascimento do Estado-Nação. A dinastia Tudors consolidou o Estado monárquico inglês por meio de várias ações entre as quais a nacionalização da Igreja, rompendo com o Papado. As crueldades, relações amorosas, assassinatos e o crescente poder político do rei Henrique VIII e dos Tudors.

Palavras-Chaves: Série; Tudors; Henrique VIII; Drama Histórico; Corte; Crueldade; Traições.

ABSTRACT: The series *The Tudors*, a historical television drama, shows the affirmation of modern monarchies, through the dynasty that gives the series its name, and which will later lead to the birth of the Nation-State. The Tudors dynasty consolidated the English monarchical State through several actions, including the nationalization of the Church, breaking with the Papacy. The cruelties, love affairs, murders and growing political power of King Henry VIII and the Tudors.

Keywords: Series; Tudors; Henry VIII; Historical Drama; Cut; Cruelty; Betrayals.

¹ Professora do Curso de Direito da Famaqui.

² Professor do Curso de Direito da Famaqui.

³ Acadêmica do Curso de Direito da Famaqui.

INTRODUÇÃO

Na atualidade uma das formas de se mergulhar nas páginas da história, além dos livros literários e históricos, é por meio dos filmes, seriados e séries, incluindo os documentários. Na antiguidade clássica eram as narrativas da poesia épica e as peças de teatro. Os filmes e suas variantes, como as séries permitem aos contemporâneos se inserir visivelmente na história, ainda que a maior parte dessas produções conter muitos erros fatuais e situacionais como de costumes, vestimentas, hábitos, armamentos, cronológicos e mesmo históricos. Ainda assim, podemos olhar um pouco para a história.

A série **Os Tudors** retrata um drama histórico que foca o reinado do rei Henrique VIII (1491-1547) entre 1509 e até a sua morte em 1547, mostrando a devassidão e a crueldade da corte do referido rei. Apesar de ser considerado o pior monarca da história da Inglaterra pela Associação dos Escritores Históricos do Reino Unido, Henrique VIII lançou as bases para a modernização do país entre os quais a consolidação da monarquia centralizada, uma igreja nacional configurada no Anglicanismo e a Bíblia no vernáculo inglês.

Os Tudors retrata aspectos da gênese do absolutismo inglês na figura do rei Henrique VIII que envolveu muita traições, infidelidades, assassinatos, atentados políticos e destruições de famílias inteiras, além de brutais repressões sociais, ocasionando a miséria do povo inglês em contrapartida ao crescimento do poder do Estado. Na realidade, o rei Henrique VIII foi uma figura cruenta e única na cronologia da monarquia inglesa. A série Os Tudors reproduz com a crueza que a cinematografia permite o reinado do soberano Henrique VIII, na primeira parte do século XVI.

Nesse sentido, a série **Os Tudors** demonstra a construção do Estado inglês moderno, por meio da consolidação da monarquia absolutista iniciada pelo rei Henrique VIII. É também a definição da família Common Law como o ordenamento jurídico no universo anglo-saxão. Por meio desse ordenamento jurídico de cunho consuetudinário, o Estado inglês dirigido pelos Tudors passou a cobrar mais impostos, oportunizando a criação do aparelho repressivo estatal, mas por outro lado, abriu caminho para o desenvolvimento da economia da monarquia insular europeia nos séculos seguintes.

A SÉRIE OS TUDORS E AFIRMAÇÃO DA MONARQUIA INGLESA

Um das séries mais impressionantes da história televisiva é o drama histórico **Os Tudors**, uma super-produção canadense-irlandesa, no formato de 38 capítulos e estrelada por um grupo de atores notáveis, principalmente, **Jonatham Rhys Meyers** no papel do rei Henrique VIII (1491-1547). Ela foi produzida entre 2007 e 2010 nos estúdios e locações da Irlanda e procura reproduzir as intrigas, as paixões, assassinatos e acontecimentos na Corte Tudor entre 1509 e 1547 tendo como epicentro o rei inglês Henrique Tudor – denominado Henrique, o Oitavo – que criou as bases para o desenvolvimento da Inglaterra moderna, destacadamente, da Igreja anglicana, tudo com o roteiro primoroso de Michael Hirst.

Tirando alguns pequenos erros – tais como retratar mulheres como atrizes, pois no século XVI os papéis femininos eram feitos por homens vestidos de mulheres porque elas estavam proibidas de representar nos teatros e alguns erros cronológicos – a série **Os Tudors** nos mostra com crueza uma época brutal, uma fotografia quase perfeita de uma era onde a vida humana não valia nada em si mesma e as instituições fundamentais – quase a totalidade delas – eram a figura do rei e a presença da religião. O rei e a religião dominavam quase tudo na vida das pessoas que estavam divididas entre os que pertenciam à corte do rei, ou seja, a nobreza e os mais elevados eclesiásticos – e os demais súditos entre os quais a baixa nobreza, pequenos proprietários, o baixo clero e o povo em geral. Sob a trilha belíssima de Trevor Morris a quase totalidade da ação dos **Tudors**, nas suas quatro temporadas, na forte, controvertida e magnética figura do rei Henrique VIII, que não resta dúvida, criou as condições para era dourada que marcou o reinado da sua filha Elisabeth (1533- 1603), considerada por muitos o maior soberano da história da Inglaterra. A corte dos **Tudors**, através de uma fotografia exuberante, é mostrada em toda sua crueza, com cenas chocantes e de extrema crueldade, tal como a do cozinheiro que é fervido vivo dentro de um tonel gigante punido por ter envenenado a comida de uma reunião de bispos e as freqüentes execuções nos patíbulos. As cenas são cruéis porque aquela sociedade inglesa era cruel e não existe outra forma de mostrar essa realidade sob a possibilidade de falseá-la. Mas o que a série **Os Tudors** mostra, talvez esta seja a sua principal mensagem, é o nascimento do estado moderno em torno da tutela do rei, onde a nobreza e o próprio clero passaram a ficar refém do soberano. A sociedade de corte, definida na

obra de Norbert Elias, era funcionamento de uma estrutura do poder centralizado onde, sobretudo, a nobreza por um meio de um complexo jogo de procedimentos e mesmo adoção de costumes ditos civilizados, procura assim manter as suas prerrogativas nobiliárquicas. Nesse contexto onde a autoridade do rei prevalecia cada vez mais, a religião continuava um dos seus fundamentos de poder, mas não mais o seu elemento legitimador que se transferia cada vez mais para as codificações jurídicas e os advogados cada vez mais tomavam os lugares dos clérigos. É importante frisar que a afirmação do estado monárquico – que deu origem ao estado moderno – deveu-se em grande parte ao jogo das relações das dinastias e das famílias nobres poderosas. No contexto da sociedade medieval três dinastias foram decisivas para a derrocada da estrutura feudal nos seus respectivos países: Capetíngia na França; a Plantageneta na Inglaterra e as espanholas (Aragão e Castela). Essas dinastias construíram o primeiro plano do processo de centralização política e administrativa na instituição do rei. As dinastias modernas – Valois, Habsburgos e Tudors – que surgiram à testa de poder no final do período medieval, consolidaram esse processo centralizador que foi levado adiante pelas dinastias Orange (Holanda), Stuart (Inglaterra) e Bourbons (França) ao longo dos séculos XVII e XVIII.

No caso da Inglaterra, os últimos bastiões fortes e independentes da nobreza foram dizimados na **Guerra das Duas Rosas** (1455-1485), a guerra civil entre as Casa de Lancaster (rosa vermelha) e a Casa de York (rosa branca) e permitiu a coroação de Henrique Tudor, chamado o sétimo, dando origem à dinastia que teve como figuras centrais o seu filho Henrique VIII e sua neta Elisabeth. A corte tornou-se o epicentro dessas dinastias. A série mostra como era o cotidiano da Corte Tudor e suas lutas intestinas. Um aspecto interessante desses conflitos, que marcou a corte Tudor, se deu entre os nobres tais como os Duques de Buckingham, Norfolk e o Conde de Surrey e os homens das classes médias representadas nas figuras de Thomas Wolsey, Thomas Cromwell e que durante certo tempo dirigiram com muita competência os destinos do reino. William Cecil, oriundo da classe média, constituiu-se no elemento fundamental para a grandeza do reinado de Elisabeth Tudor entre 1558 e 1603. Isso demonstrava o traço moderno da Corte Tudor em cujo seio se perpetrou uma importante mudança da dominação tradicional dos nobres e eclesiásticos para a dominação legal e laica dos homens de classe média que se afirmaram por seus próprios talentos. A dinastia Stuart (1603-1688), provocou um retrocesso nesse aspecto de modernidade da Corte Tudor o que, certamente, foi uma das causas para a derrocada dessa dinastia.

Não resta dúvida que havia uma diferença política abismal entre a habilidade dos **Tudors** e a incompetência dos Stuarts, em grande parte, perpassada pelo perfil avançado – ainda que mais cruel – da Corte dos **Tudors** e a conservadora e, de certa forma, retrógrada Corte dos Stuarts. A Inglaterra moderna começa a nascer com os **Tudors**, plasmada pela capacidade dessa dinastia, descontando aí o breve reinado de Maria, a Sanguinária entre 1553 e 1558, embora ela já fosse uma considerável potência nos quadrantes da Europa. E um dos aspectos mais importantes dessa consolidação residia no perfil da Corte dos **Tudors**. Havia nela corrupção, traições, assassinatos, vilanias e condenações cruéis que nos fariam repugnar, mas ela passou a alicerçar-se no talento dos homens de ação, balizada na sua capacidade e nos seus conhecimentos. Embora Norbert Elias no seu livro **A Sociedade de Corte** analise a Corte do rei francês Luis XIV (1638-1715), em uma época que esse tipo de sociedade estava bastante amadurecido na Europa, os seus pressupostos estão inteiramente sedimentados na Corte Tudor que a despeito das perfídias resultou no centro irradiador da política de estado e das depurações dos costumes. Ela estabeleceu um padrão de comportamento que Norbert Elias chama de civilizatório, onde se afirmaram novas condutas que iam desde o comportamento à mesa, passando pelas danças e os tratamentos gentis. O *ethos* dos cavaleiros e dos guerreiros baseado na coragem e nos comportamentos rudes e até violentos que a antiga nobreza ostentava com orgulho, aos poucos era sublimada nesses novos comportamentos de gentilezas mútuas sem os quais as cortes não existiriam.

Esse aspecto está bastante evidente na série **Os Tudors** principalmente ao evidenciar a crescente burocratização do estado, sedimentado na Corte, onde a classe média simbolizada nas figuras de Wolsey, Cromwell⁴ e Seymors começava a tomar conta dos destinos do reino inglês em detrimento da nobreza e do clero, o que muitas vezes despertou a reação feroz e cruel desses últimos. Isso ficou patente quando os Stuarts trabalharam para restabelecerem os privilégios direcionais da nobreza muito fragilizada pelos efeitos da Guerra das Duas Rosas (1455-1485), provocando, por sua vez, a reação da ascendente classe média que vinha lentamente se constituindo na principal base econômica do reino e ampliando o seu domínio no Parlamento, sob a liderança de Fairfax e Cromwell, protagonizaram a Guerra Civil Inglesa (1642-1649), que com a vitória do Parlamento – a Câmara dos Comuns - determinou a queda da

⁴ Thomas Cromwell (1485-1540) era símbolo da ascensão social do homem médio contrapondo a nobreza com seu poder ancestral. Ganhou o título nobiliárquico de Conde de Essex. Ele foi executado na Torre de Londres, em 28 de julho de 1540.

dinastia Stuart e a decapitação do rei Charles I (1600-1649). Essa transformação social também refletiu na dimensão militar, principalmente depois da Batalha de Azincourt, em 15 de outubro de 1415, onde o esfrangalhado exército do rei Henrique V (1386-1422), destroçou a cavalaria francesa, a infantaria constituída dos homens comuns começou a sobrepujar a cavalaria da nobreza e que foi a arma predominante em quase todo o período medieval. As monarquias, cada vez mais centralizadas, necessitavam para sua perpetuação não mais da nobreza – que se mostrou cara e incompetente na administração do estado ou do reino – mas de homens comuns que refletiam com seus talentos os novos tempos sedimentados em uma classe média econômica. Esse segmento social encontrou grande lastro para sua legitimidade na Reforma Protestante desencadeada pelo alemão Martin Luther (1483-1546), em 1517. Na Inglaterra os ecos dessa reforma tomou forma do Anglicanismo, e uma das suas variantes, o puritanismo, tornou-se fator decisivo na afirmação da classe média econômica do reino baseada no comércio e, principalmente, em uma indústria lanífera crescente. Um dos aspectos mais evidentes mostrados na série está na ampliação dos aparelhos do Estado, destacadamente, a sua face repressiva, como bem demonstra o historiador Perry Anderson, onde a figura do rei Henrique VIII, se tornava predominante institucionalmente, mesmo com a recusa da Câmara dos Comuns ao seu Estatuto das Proclamações, que fez o rei aprofundar do aparelho repressivo do Estado:

Um Estatuto de Proclamações, aparentemente concebidas para conferir poderes legislativos extraordinários ao monarca, emancipando-o da dependência do Parlamento, acabou sendo neutralizada pelos Comuns. Mas é claro que tal recusa não impediu Henrique VIII de reger sanguinários expurgos de ministros e magnatas, nem de criar um sistema de polícia secreta para delações e prisões sumárias. O aparelho repressivo do Estado cresceu a firme compasso ao longo de todo o reinado: ao seu final nove diferentes leis sobre a traição haviam sido aprovadas. (ANDERSON: 2016, p. 130).

E essa abordagem a série **Os Tudors** mostrou com rara felicidade. Não é sem razão que ela é considerada uma das maiores realizações televisivas dos últimos anos, pois mostrou com maestria as imagens da história da Inglaterra em um dos seus momentos mais cruciais: o reinado do Tudor Henrique VIII. O Estado moderno inglês nasceu com a dinastia Tudors, fundamental nesse sentido, criando as condições, por meio de muita repressão e assassinatos para a afirmação da monarquia absolutista inglesa que teve na rainha Elisabeth I (1533-1063), filha de Henrique VIII, a sua máxima expressão.

CONCLUSÃO

A série **Os Tudors** retratou em 38 episódios, de forma exuberante, o reinado de Henrique VIII, rei da Inglaterra entre 1509 e 1547, considerando as mazelas, traições, disparidades, crueldades e acontecimentos políticos misturados com muitas relações amorosas da corte do referido rei. A nossa referência teórica básica foi os livros do sociólogo alemão Norbert Elias: *A Sociedade de Corte e O Processo Civilizador – Formação do Estado e Civilização* entre outras obras de alguns outros autores.

Por isso, a série *Os Tudors* vem a ser de grande importância para se conhecer a gênese do Estado moderno inglês. O rei Henrique VIII, apesar das suas crueldades e disparidades pessoais, construiu as bases do absolutismo inglês que foi diferente do absolutismo das monarquias continental.

Esse definitivamente é a importância da série *Os Tudors* que em imagens procura reproduzir toda uma época, o início da era moderna. O Estado-Nação que se originou das revoluções americana e francesa no final do século XVIII, deriva diretamente das monarquias nacionais perpetrado pelas dinastias que passaram a governar a Europa a partir da última fase da Idade Média, ou seja, a partir do ano de 1200. E essa visão está muito nítida na fotografia da série **Os Tudors**.

INDICAÇÕES DE LEITURA E CINEMATOGRAFIA:

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

BRIGGS, Asa. **História Social de Inglaterra**. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THE TUDORS. Canadá e Irlanda. Realização: Peace Arch Entertainment and Showtime. Produtores: Gary Howsam e James Flynn. Criado por: Michael Hirst. Estrelada: Jonathan Rhys Meyers, Sam Neill, Henry Cavill, Natalie Dormer, Maria Doyle Kennedy e muitos outros atores. Séria produzida entre 2007 e 2010.